

UTOPIA SEM GRACEJOS: VASCO DE QUIROGA E AS SATURNIAIS DE LUCIANO

*UTOPIA WITHOUT JESTS:
VASCO DE QUIROGA AND
LUCIAN'S SATURNALIA*

Geraldo Witeze Junior
(IFG – Campus Formosa)¹

RESUMO: Este artigo apresenta a interpretação das *Saturniais*, de Luciano de Samósata, feita por Vasco de Quiroga. Para tanto, introduz o tema da colonização da América, destacando a região do México e, em seguida, discute os escritos de Quiroga. O maior e mais importante deles foi a *Informação em direito* (1535), em que aparece sua proposta para a colonização do Novo Mundo. Seu plano se baseava na leitura da *Utopia*, de Thomas Morus, e da obra de Luciano. O samosatense trouxe o tema da Idade do Ouro, que funcionava como descrição dos povos indígenas; o humanista inglês trouxe a descrição da melhor forma

¹ Mestre em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas. Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás.

de governo, que só podia funcionar com as pessoas adequadas, no caso, os índios. Ou seja, *As Saturnais* aparecem como chave interpretativa da obra de Morus para a elaboração do projeto político-social de Quiroga.

PALAVRAS-CHAVE: Utopia; Vasco de Quiroga; *As Saturnais*; Luciano de Samósata.

ABSTRACT: This paper presents the interpretation of the *Saturnalia*, by Lucian of Samosata, formulated by Vasco de Quiroga. To this end, it introduces the theme of America's colonization, highlighting the region of Mexico and then discusses the writings of Quiroga. The biggest and most important of them was *Information in Law* (1535) in which appears his proposal for the colonization of the New World. His plan was based on the reading of *Utopia*, by Thomas Morus, and the work of Luciano. The Samosat brought the theme of the Golden Age, which served as a description of the indigenous peoples; the English humanist brought the description of the best form of government, which could only work with the right people, in this case the Indians. That is, the *Saturnalia* appear as the interpretive key of Morus' work for the elaboration of Quiroga's political-social project.

KEYWORDS: Utopia; Vasco de Quiroga; *Saturnalia*; Lucian of Samosata.

A chegada dos europeus na América provocou grandes transformações em todo o mundo. Da perspectiva europeia, um novo mundo se descortinava, com novos povos cuja organização social e política era muito diferente de tudo o que estavam acostumados. Também a natureza era outra, desconhecida, cheia de elementos fantásticos. Surgiam muitas oportunidades para os que estivessem dispostos a cruzar os mares: por um lado, aventuras e conquistas nunca vistas antes, ouro e prata, mão de obra para explorarem, enfim, possibilidades de obter honra, riqueza e glória;



por outro lado, eram milhões de seres humanos que não conheciam o cristianismo e precisam ser evangelizados. O deslumbramento se somava às preocupações materiais e espirituais conforme as notícias se espalhavam pelo Velho Mundo.

Ora, a visão dos povos indígenas era bastante distinta. A chegada dos europeus, primeiro, espanhóis, em seguida, portugueses e muitos outros de distintas origens, causou espanto e teve consequências funestas. Apesar dos primeiros contatos com aquelas pessoas vindas do mar terem sido amistosos, logo começaram os conflitos. As conquistas militares empreendidas por espanhóis e portugueses provocaram muitas mortes, perdas de território e migrações. Tudo isso teve efeitos em cascata que transformaram por completo o modo de vida dos milhares de povos que então habitavam o continente americano. E, ainda pior, as doenças transmitidas pelos europeus, para as quais os nativos não tinham resistência, foram responsáveis por dizimar milhões de vidas. Em pouco tempo, o mundo como conheciam tinha deixado de existir.

O caso do México é paradigmático. Menos de trinta anos depois da chegada de Cristóvão Colombo às ilhas do Caribe, que ele pensava serem a Índia, Hernán Cortez conquistou o povo mais poderoso da região. Vista de hoje, a queda de Tenochtitlan, centro de poder dos domínios astecas, foi tão rápida quanto surpreendente. Os astecas controlavam a região do vale central do México e haviam subjugado a maior parte dos povos que ali habitavam, tanto que se tornou comum falar em império asteca, numa analogia com os impérios conhecidos pelos europeus. Apesar de imprecisa, a aplicação do termo explicita o poder daquele povo, o que levou muitos estudiosos a buscarem explicações para a conquista espanhola, tema que produziu muitas controvérsias (BRUIT, 1995; CAÑIZARES-ESGUERRA, 2011; ELLIOTT, 2012; IGLÉSIAS, 1992; TODOROV, 2010).

A queda de México-Tenochtitlan provocou mudanças profundas num ritmo frenético. As estruturas que regiam a vida

de milhões pessoas deixaram de existir, o governo desapareceu, os sacerdotes tiveram a sua autoridade minada, as normas de convivência se tornaram inválidas. Um novo mundo surgia e ninguém sabia como seria. O desespero é uma das marcas daquele período. A conquista de Cortez teve impacto incomparável. Os tarascos, povo da região de Michoacán, a oeste, que nunca fora submetido pelos astecas, decidiram se render aos espanhóis após receberem as notícias de seus espiões sobre o que se passava na capital dos seus rivais.

A história da conquista, da brutalidade dos espanhóis e do genocídio indígena é bastante conhecida, pelo menos em seus aspectos mais gerais. Sem negá-la, é importante esclarecer as muitas nuances do processo histórico. Na esteira da conquista surgiram vários projetos para o Novo Mundo: muitos viam a natureza e os povos nativos como um instrumento para enriquecimento rápido; a coroa espanhola pensava em expandir seu poder através do aumento do território e do número de súditos; a igreja vislumbrava a expansão do número de fiéis e o crescimento de sua influência. O programa geral que se efetivou foi o da exploração dos povos indígenas através da *encomienda*² ou da escravidão pura e simples. Isso se vinculava a discussões sobre a humanidade dos índios e à evangelização em massa com o uso da força.

Na contramão disso houve propostas que hoje vemos como alternativas, mas que disputavam espaço com o que afinal se tornou a linha predominante da colonização. Aí se insere Vasco de Quiroga, que atuou na região da Nova Espanha entre 1531 e 1565, primeiro como ouvidor da Segunda Audiência (1531-36) e depois como bispo de Michoacán (1536-1565). Tendo contato com aquela sociedade pouco tempo depois da conquista, ele percebeu os muitos problemas existentes, sobretudo a situação calamitosa dos indígenas. Procurou soluções que conciliassem os interesses da coroa e da igreja com os dos nativos, opondo-se ao imediatismo dos colonos, que via como moralmente degradados.



Logo em seu primeiro ano escreveu uma carta ao Conselho de Índias com um breve diagnóstico da situação e propôs a criação de povoados exclusivos para os nativos, onde poderiam ser protegidos dos espanhóis e então evangelizados (WITEZE JUNIOR, 2016). Poucos anos depois, em 1535, redigiu um tratado jurídico intitulado *Informação em direito*³, no qual criticava a permissão dada pela coroa para que os espanhóis escravizassem os índios. Nesse texto ele expôs suas propostas de forma um pouco mais completa: para que a colonização prosperasse e se cumprisse o propósito que justificava a presença dos espanhóis na América, a evangelização dos índios, era necessário fundar povoados organizados de acordo com a descrição da ilha de Utopia feita no segundo livro da obra homônima de Thomas Morus (2009). A Utopia deixaria de ser um não-lugar abstrato para se concretizar nas paragens da Nova Espanha.

A proposta dos povoados não foi encampada enquanto política da coroa, mas Quiroga logrou fundar dois *pueblos-hospitales*, como os chamava, um nos arredores de México-Tenochtitlan, outro em Michoacán. Ali pôs em prática o que pensava: não havia propriedade privada nem se usava dinheiro, a jornada de trabalho era de seis horas diárias, todos permaneciam pelo menos dois anos no campo, usavam roupas iguais, entre outras coisas. Em algum momento entre 1554 e 1565 foram redigidas as *Regras e ordenanças para o governo dos hospitais de Santa Fé de México e Michoacán*⁴, nas quais podemos ver a sistematização final do funcionamento dos povoados. Por fim, temos o testamento de Quiroga, que explica alguns outros elementos não presentes nas normas, em especial como seria o funcionamento dos hospitais após sua morte (AGUAYO SPENCER, 1940, 1970, 1986; QUIROGA, 2002).

A ideia de agrupar os índios em povoações exclusivas já estava presente em 1531, mas só depois de ler a *Utopia* Vasco de Quiroga consolidou o formato de seu projeto. A obra de Morus provavelmente chegou em suas mãos através do frei Juan de Zumárraga, bispo do México, que possuía a edição publicada em

1518 por João Froben (ZAVALA, 2007, p. 51). O livro sobre a melhor forma de governo foi interpretado por Quiroga como um projeto inspirado pelo Espírito Santo e perfeitamente adequado às características dos índios, ou seja, era a solução para o drama da empresa colonial.

Dentre as muitas obras citadas na *Informação em direito* destaca-se *As Saturnais*, de Luciano de Samósata, na tradução para o latim feita por Morus. Custódio Magueijo (In: LUCIANO, 2013, p. 169) explica que “As Saturnais eram as festas em honra de Saturno, velho deus itálico ligado à agricultura, mas também (algo artificialmente) identificado com Crono, o igualmente velho deus grego”. Na pena de Luciano entra em questão “o problema da desigualdade social”, suspensa apenas no curto período das festas, sem que a vida dos pobres e miseráveis fosse de fato alterada – a exemplo do carnaval.

Não há informações suficientes para concluir que Quiroga conhecesse o interesse de Morus e Erasmo por Luciano, mas fica claro que sua interpretação da *Utopia* foi matizada pela leitura desse título. Como afirmou Paz Serrano Gassent (2001, p. 180), o escritor grego aparece na *Informação* como “prefigurador da realidade indiana”⁵. As sociedades indígenas foram postas lado a lado com aquelas gentes da Idade do Ouro.

Vejamos o que diz Quiroga⁶:

E quase, da mesma maneira que tenho encontrado que diz Luciano em suas *Saturnais* que eram os servos entre aquelas gentes que chama de ouro e idade dourada dos tempos dos reinos de Saturno, em que parece que havia em tudo e por tudo a mesma maneira e igualdade, simplicidade, bondade, obediência, humildade, festas, jogos, prazeres, beberes, folgas, ócios, desnudez, pobre e menosprezado enxoval, vestir, e calçar e comer, segundo o que a fertilidade da terra dava, oferecia e produzia de graça e quase em trabalho, cuidado nem solicitude sua, que agora neste Novo Mundo parece que há e se vê naqueles naturais com um descuido e menosprezo de todo o supérfluo com aquele mesmo contentamento e mui grande e livre liberdade das vidas e dos ânimos que gozam aqueles

naturais, e com mui grande sossego deles, que parece como que não estejam obrigados nem sujeitos aos acasos da fortuna, por puros, prudentes e simplicíssimos, sem se lhes dar nada por coisa, antes se maravilham de nós e de nossas cosas e inquietude e desassossego que trazemos, como alguns algumas vezes já têm dito a algum de nós, maravilhando-se muito disso. E quase, o mesmo estado e maneira e condição;⁷ (*Informação*, pp. 208-209).

Quiroga explica que conheceu *As Saturnais* de Luciano enquanto escrevia sua *Informação em direito*, ficando espantado com a semelhança entre o que via e lia. Parece-me haver duas linhas de interpretação sobre o uso dessa obra: pode ser que ela seja uma chave interpretativa para a compreensão dos índios, uma espécie mediação entre os conhecimentos prévios do ouvidor e a sua experiência presente; ou então, a leitura da obra dependeria do cotidiano de Quiroga no momento em que ele a leu. No primeiro caso, os índios seriam compreendidos à luz do escrito de Luciano; no segundo, *As Saturnais* seriam interpretadas a partir dos conhecimentos sobre os índios. Essas duas linhas não são mutuamente excludentes, mas podem ter pesos diferentes.

Para os europeus, a idade do ouro remetia a um passado há muito perdido e impossível de ser recuperado. Aqui não se tenta mostrar que os índios estavam nesse passado e que decairiam, como ocorrera com as gentes do Velho Mundo. Ao contrário, fica patente o otimismo de expor a existência atual daqueles valores considerados perdidos. A idade do ouro é deslocada do passado para o presente, aqui e agora. De mito passa a ser história. A referência ao escritor grego de fato media a comunicação, permitindo que o leitor europeu, pouco ou nada familiarizado com os povos indígenas americanos, processasse as informações recebidas. Foi a melhor referência encontrada por Quiroga para traduzir de forma elogiosa o que via no dia a dia, tanto o as qualidades quanto os defeitos dos índios.

Ao explicar como eram os nativos, Quiroga fala de si e dos seus. Era necessário encontrar alguma referência que permitisse a

comunicação. Isso fica evidente no trecho em que se diz que os índios “se maravilham de nós”: o espanto e a dificuldade em compreender os valores dos outros era simultâneo. A referência à idade do ouro serve como um espelho crítico para os europeus, enfatizando a sua decadência, em detrimento dos indígenas americanos.

O estranhamento dos índios frente a inquietude e ao desassossego dos espanhóis merece destaque. Aqueles estrangeiros que buscavam o ouro a todo custo e cometiam violências gratuitas exemplificavam o estado de desarmonia espiritual da Europa. Apesar da tradição cristã, da vasta literatura que defendia a simplicidade e a valorização da dimensão espiritual em detrimento da busca por riqueza e bens materiais, os “cristãos” praticavam o contrário do que professavam. Boa parte da *Informação em direito* é dedicada a demonstrar isso. A palavra proferida não possuía valor, de modo que a hipocrisia se tornou notável para os nativos. Aqui temos um caso claro de que como a relação de alteridade serve para explicar a nós mesmos: o olhar dos índios desvelava de forma simples aquilo que muitos teólogos e místicos demoraram a ver.

O trecho citado da *Informação* não contém uma descrição pormenorizada dos índios, como fizeram outros religiosos. O que há é uma atribuição estética de valores. Somente com esses seres humanos próximos àqueles da idade do outro de Saturno seria possível concretizar a utopia social-cristã pensada por Quiroga. A realidade vivida é explicada a partir do diálogo lucianesco⁸, mostrando a importância dos mitos e textos imaginários que, como a *Utopia*, formalizam determinadas experiências históricas.

Depois dessa apresentação Quiroga cita as *Saturnais*. E o que diz a passagem citada? Um sacerdote indaga a Crono⁹ sobre o motivo de este haver deixado o poder. O deus responde que estava velho e sem forças para cuidar de todos os afazeres e, por isso, preferiu abdicar e levar uma vida despreocupada, reservando para si o governo apenas nos dias das festas em sua homenagem:

[...] decidi tirar para mim estes poucos dias, nas condições que referi, e retomar o poder, a fim de recordar aos homens como era a vida durante o meu reinado, em que todos os produtos, sem serem semeados nem lavrados, nasciam espontaneamente, não na forma de espigas, mas como pães já prontos [a comer], e a carne já vinha cozinhada, e o vinho corria como autênticos rios, e as fontes eram de mel e de leite. Todos os homens eram bons e feitos de ouro. Eis a razão deste meu efêmero reinado, e por isso se assiste por todo o lado a algazarra, cantos, jogos e igualdade para todos, escravos ou homens livres. De facto, durante o meu reinado, ninguém era escravo [de ninguém]. (LUCIANO, 2013, p. 176–177).

Não faz sentido supor que Quiroga visse assim a natureza americana. O mito não se tornaria histórico dessa forma. Pouco adiante ele reforça que o seu objetivo era recordar os valores da idade do ouro, enfatizando a igualdade entre os índios o seu contentamento com pouco, por isso seu trabalho era moderado. Não andavam inquietos atrás de ouro e riquezas, viviam de forma simples e tranquila.

Luciano escreveu uma sátira, diferente da forma como Quiroga interpretou o texto. Essa leitura atesta a mentalidade da época: “Em numerosas obras do século XVI, que dir-se-ia serem destinadas a fazer rir e sorrir, escondem-se não raro intenções muito sérias e conceitos às vezes profundos assim como projectos de reforma das instituições, das mentalidades e dos costumes” (MARTINS, 2009, p. 80-81). A leitura de Quiroga, séria, faz do texto de Luciano uma crítica aos valores dos europeus que iam para a Nova Espanha e uma exaltação dos índios.

A associação dos índios à idade do ouro não os tornava perfeitos, mas despertava esperanças para a possibilidade de se construir um mundo melhor e uma igreja renovada, afinal, nem todos os seres humanos haviam decaído tanto quanto os europeus, cuja corrupção fora bastante destacada por diversos pensadores como Erasmo e Morus. Os índios, ao contrário, mantiveram a simplicidade

e a dignidade tão cara aos humanistas. A pureza de intenções atribuída aos nativos só podia, é claro, vinculá-los ao evangelho¹⁰.

As virtudes cristãs eram características naturais dos índios:

o mais que é necessário para ser bons e perfeitos cristãos, que é esta boa simplicidade, humildade e obediência, desnudez e descuido de todas as coisas e paixões do mundo, eles as têm mais próprias e naturais do que se poderiam crer, e como agradaria a Deus que nós as tivéssemos. E nisto desta boa simplicidade eu confesso que em parte são como crianças, mas em tudo o mais são certo docilíssimos, e por isso não são de estimar menos, senão mais para as coisas da nossa fé, que estão fundadas nesta humildade, simplicidade e paciência e obediência que estes ao natural tem.¹¹ (*Informação*, p. 213).

Dessa forma, os índios se tornam exemplos para os europeus. Para serem pessoas melhores era preciso imitar essas qualidades naturais, virtudes para os cristãos, obtidas através da prática de disciplinas espirituais rigorosas. Por isso causavam tanto espanto existirem de forma natural. No entanto, é preciso lembrar que as culturas indígenas daquela região tinham uma vida bastante disciplinada pelos rituais religiosos e por regras sociais rígidas (CORCUERA DE MANCERA, 1991).

A diferença com a Europa parece ser que esses valores eram válidos e praticados pela maioria da sociedade. Não havia espaço para rompantes de individualidade que levassem ao desregramento social. No Velho Mundo, ao contrário, floresciam o indivíduo e a subjetividade, de modo que era mais difícil fazer os valores cristãos serem aceitos coletivamente. Isso passaria pela transformação espiritual de cada indivíduo. O individualismo e o materialismo venceram essa batalha.

Enfim, sendo os nativos da América tão semelhantes àquela gente da idade do ouro, por que então não tentar retornar a ela? Seria muito melhor que Saturno reinasse o tempo inteiro, ou seja,



que houvesse igualdade, fraternidade e alegria na vida cotidiana. E para tanto bastava implantar aquela melhor forma de governo proposta por Morus, o que Quiroga tentou fazer nos seus *pueblos-hospitales*.

Uma diferença fundamental entre a Utopia e os povoados de Santa Fé era que nestes não havia escravidão nem pena de morte – a pena máxima era a expulsão (*Regras e Ordenanças*, QUIROGA, 2002, p. 272). Como a *Informação em direito* é um tratado contra a escravidão, posição que Quiroga manteve até a morte, seria contraditório que aceitasse esse aspecto em sua utopia. Aqui Luciano é fundamental, pois nas *Saturnais* encontramos a referência a uma época em que “ninguém era escravo”.

Uma ressalva: ver os índios como crianças levava a uma ambiguidade. A tradição cristã confere às crianças um papel positivo e de destaque – o próprio Jesus disse que deveríamos ser como elas¹². Por outro lado, isso os situava numa situação de inferioridade jurídica, necessitando de tutores. No entanto, para Quiroga os índios não eram de todo infantis, exceto em alguns aspectos que considerava bons.

Os índios eram a matéria fundamental da utopia de Quiroga, por isso é tão importante compreender a forma como são descritos. A citação das *Saturnais* cumpre um papel crucial no texto da *Informação em direito*, pois evidencia a oposição entre os nativos, e os colonos espanhóis. Estes eram agentes antiutópicos enquanto aqueles eram os sujeitos da utopia quiroguiana. A despeito de alguns defeitos, destacam-se suas muitas qualidades e sua inclinação para o bem. Com eles seria possível concretizar a melhor república descrita por Morus. Era justamente isso que faltava para que o Novo Mundo florescesse.

Parece-me impossível harmonizar a interpretação das *Saturnais* feita por Vasco de Quiroga com a visão do próprio Luciano. O samosatense adotou progressivamente “uma atitude fundamentalmente céptica, que, sobretudo, se insurge contra todo

o dogmatismo metafísico e filosófico em geral.”, como explica Custódio Magueijo (In: LUCIANO, 2013, p. 15). Considerando a imensa quantidade de correntes filosóficas, pensava que era impossível alcançar a verdade. Ademais, ele se tornou famoso por desprezar o cristianismo.

Nada mais distante de Quiroga, para quem a fé cristã era verdadeira e estava acima de todas as dúvidas. A verdade, portanto, estava disponível, e o levou a se posicionar a favor da evangelização pacífica dos índios e contra a escravidão e os muitos abusos dos espanhóis. Não há dúvidas de que a obra de Luciano é satírica e jocosa, bem como que influenciou a composição da *Utopia* de Morus. Esta, ademais, segue as regras do *serio ludere* e usa o esquema conceitual formal da oposição entre gracejo e seriedade (CURTIUS, 2013; SERRAS, 2008). O bispo de Michoacán preferiu lê-las de outra maneira. Deixou de lado as brincadeiras e interpretou de forma própria esses textos. Essa foi a única forma que encontrou para que se convertessem em ferramentas de intervenção na história. Assim, *As Saturnais* e a *Utopia* se tornaram as bases do projeto político, social e cristão para o qual dedicou todos os seus esforços até o fim da vida.

Referências

AGUAYO SPENCER, R. **Don Vasco de Quiroga**. Documentos. México, D.F.: Editorial Polis, Biblioteca Mexicana, 1940.

_____. **Don Vasco de Quiroga**: Taumaturgo de la organización social seguido de un apéndice documental. México: Ediciones Oasis, 1970. Contém os seguintes itens: Carta al Consejo de Indias; Información en derecho; Parecer del Maestro Rojas; Aclaraciones del Lic. Quiroga, sobre el parecer; Reglas y Ordenanzas para el gobierno de los Hospitales; Testamento.

_____. **Don Vasco de Quiroga**. Pensamiento Jurídico. Antología. México: Miguel Ángel Porrúa, 1986.

BRUIT, H. H. **Bartolomé de las Casas e a simulação dos vencidos**: ensaio

sobre a conquista hispânica da América. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 1995.

CAÑIZARES-ESGUERRA, J. **Como escrever a história do Novo Mundo**: histórias, epistemologias e identidades no mundo atlântico do século XVIII. São Paulo: EdUSP, 2011.

CORCUERA DE MANCERA, S. **El fraile, el indio y el pulque**. Evangelización y embriaguez en la Nueva España (1523-1548). México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

CURTIUS, E. R. **Literatura europeia e Idade Média latina**. 3. ed. São Paulo: EdUSP, 2013. Tradução Teodoro Cabral e Paulo Rónai.

ELLIOTT, J. H. A conquista espanhola e a colonização da América. In: BETHELL, L. (Org.). **História da América Latina**: A América Latina Colonial I. 2. ed. São Paulo; Brasília: EdUSP; Fundação Alexandre Gusmão, 2012, V. 1, p. 135–194. Tradução Maria Clara Cescato.

HERRERA ORTIZ, M. La encomienda indiana y sus repercusiones. **Derechos contemporáneos de los pueblos indios**. Justicia y derechos étnicos en México. México: UNAM, 1992, p. 131–142.

IGLÉSIAS, F. Encontro de duas culturas: América e Europa. **Estudos Avançados**, abr. 1992. v. 6, n. 14, p. 23–37. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-40141992000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 19 ago. 2015.

LUCIANO. As Saturnais. **Luciano**. Tradução de Custódio Magueijo. 1. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, V. VIII, p. 173–194.

MARTINS, J. V. De P. Thomas More e a Utopia. **Utopia ou a melhor forma de governo**. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009, p. 23–139.

MORUS, T. **Utopia ou a melhor forma de governo**. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009. Tradução, prefácio e notas Aires A. Nascimento; estudo introdutório de José V. de Pina Martins.

QUIROGA, V. De. **La utopía en América**. Madri: Dastin, 2002. Edição, introdução e notas de Paz Serrano Gassent. Contém a *Carta al Consejo*, a *Información en derecho*, as *Reglas y Ordenanzas* e o Testamento de Vasco de Quiroga.

SERRANO GASSENT, P. **Vasco de Quiroga**: utopía y derecho en la conquista de América. Madri: Fondo de Cultura Económica de España;

Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2001.

SERRAS, A. M. Utopia, o Pomo da Discórdia Moreana. **Via Panorâmica:** Revista Eletrônica de Estudos Anglo-Americanos, 2008. 2. n. 1. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5172.pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2016.

TODOROV, T. **A conquista da América.** A questão do outro. Tradução de Beatriz Perrone Moysés. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

WITEZE JUNIOR, G. A Carta ao Conselho de Índias, de Vasco de Quiroga. Versão bilingue. **Morus - Utopia e Renascimento**, 2016. v. 11, n. 1, p. 111–130. Disponível em: <<http://www.revistamorus.com.br/index.php/morus/article/view/275>>. Acesso em: 5 fev. 2017.

ZAVALA, S. A. **Recuerdo de Vasco de Quiroga.** México: Editorial Porrúa, 2007.

Notas

2 A *encomienda* era uma cessão feita pela coroa para que particulares espanhóis cobrassem impostos dos índios em troca de lhes dar proteção e ensinar o evangelho. Esses impostos muitas vezes eram cobrados na forma de trabalho e as contrapartidas não eram cumpridas, o que tornava o sistema bastante semelhante à escravidão (HERRERA ORTIZ, 1992).

3 No original: *Información en derecho*.

4 No original: *Reglas y Ordenanzas para el Gobierno de los Hospitales de Santa Fe de México y Michoacán*.

5 No original: “*prefigurador de la realidad indiana*”.

6 Todas as citações da *Informação em direito* são da edição organizada por Paz Serrano Gassent (QUIROGA, 2002).

7 Tradução própria do original: “*Y casi, de la misma manera que he hallado que dice Luciano en sus Saturniales que eran los siervos entre aquellas gentes que llaman de oro y edad dorada de los tiempos de los reinos de Saturno, en que parece que había en todo y por todo la misma manera e igualdad, simplicidad, bondad, obediencia, humildad, fiestas, juegos, placeres, beberes, holgares, ocios, desnudez, pobre y menospreciado ajuar, vestir, y calzar y comer, según que la fertilidad de la tierra se lo daba, ofrecía y producía de gracia y casi sin trabajo, cuidado ni solicitud suya, que ahora en este Nuevo Mundo parece que hay y se ve en aquestos naturales con un descuido y menosprecio de todo lo superfluo con aquel mismo contentamiento y muy grande y libre libertad de las vidas y de los ánimos que gozan aquestos naturales, y con muy gran sosiego de ellos, que parece como que no estén obligados ni sujetos a los casos de fortuna, de puros, prudentes y simplicísimos, sin se les dar nada por cosa, antes se maravillan de nosotros y de nuestras cosas e inquietud y desasosiego que traemos, como algunos algunas veces ya lo han dicho a alguno de nosotros, maravillándose mucho de ello. Y casi, el mismo estado y manera y condición;*”

8 A aplicação do termo literatura à obra de Luciano seria imprecisa, uma vez que seu sentido atual só se desenvolve a partir do século XVIII.

9 A tradução portuguesa adotada aqui opta pela terminologia vinculada diretamente aos originais

gregos, daí que o nome *Saturno*, latino, seja preterido por *Crono*, grego.

10 Cf. *Mateus* 5,8.

11 Tradução própria do original: *“lo demás que es necesario para ser buenos y perfectos cristianos, que es esta buena simplicidad, humildad y obediencia, desnudez y descuido de todas las cosas y pasiones del mundo, ellos se las tienen más propias y naturales que se podrían creer, y como pluguiese a Dios que nosotros las tuviésemos. Y en esto de esta buena simplicidad yo confieso que en parte son como niños, pero en todo lo demás son cierto docilísimos, y por eso no son de estimar en menos, sino en más para las cosas de nuestra fe, que están fundadas en esta humildad, simplicidad y paciencia y obediencia que éstos a natura tienen.”*

12 Cf. *Mateus* 18,4.